

# RODAPÉ

# APRESENTAÇÃO

**N**este número de *Literatura e Sociedade*, a seção **Rodapé** dialoga com o **Dossiê Lima/Lins** ao trazer dois textos de Lima Barreto que expõem sua visão de literatura e do seu lugar no cenário cultural e intelectual no Brasil nas primeiras décadas do século XX, e artigos de dois críticos, distantes no tempo, sobre aspectos de sua obra.

Em “O destino da literatura”, palestra jamais proferida, mas posteriormente publicada, passando a integrar as obras completas do autor, em vários volumes, organizada pela Editora Brasiliense, Lima Barreto apresenta as relações entre ética, política e estética intrínsecas ao seu projeto literário, o que faz desse um dos textos fundamentais para o conhecimento das questões que preocupavam o escritor e que se revelam em aspectos de sua poética.

Já em “A minha candidatura”, sem abandonar sua atitude combativa, sempre crítica em relação aos literatos e aos círculos de legitimação das reputações literárias, nos quais incluía a Academia Brasileira de Letras, Lima Barreto defende, em 1921, pela terceira vez, sua candidatura a esta instituição, o seu “direito a pleitear as recompensas que o Brasil dá aos que se distinguem na sua literatura”. Ele não abre mão da sua condição como escritor “grande ou pequeno” e não capitula na luta contra as injúrias de seus opositores, que têm grandes armas em

suas mãos, como os jornais *O Correio da Manhã* e *O Jornal*. A atitude pode ser lida como contradição ou como ironia, mas o fato é que a reiteração da candidatura e da respectiva recusa ou desqualificação que a acompanha constituem uma passagem nada trivial, que ultrapassa a esfera do anedótico e pode se somar à reflexão acerca da dinâmica própria ao campo literário brasileiro.

Quanto aos dois textos críticos, eles descrevem um arco temporal importante, que registra o impacto da estreia de Lima Barreto na literatura brasileira que lhe era contemporânea e o modo como, décadas mais tarde, já nas franjas de nossa contemporaneidade sua obra foi lida e percebida.

Assim, o crítico José Veríssimo, numa série de textos nos quais aborda a literatura de seu tempo, na primeira década do século, passando pela poesia, a prosa de ficção e pelo teatro, contempla o surgimento de *As recordações do escrivão Isaías Caminha*, reconhecendo-lhe méritos e originalidade, e apontando-lhe fraquezas, estranhezas, aquilo que considerou um certo desleixo. O artigo de Veríssimo é digno de nota não apenas porque é das primeiras vozes que se manifestaram sobre o autor estreado, mas também porque foi, ela própria incorporada por Lima Barreto à obra, quando acrescenta à publicação em livro uma “Nota prévia” inexistente no folheto da revista *Floreal*, da qual fora um dos editores, dirigindo-se diretamente a Veríssimo ao dizer-se também, tão-somente, o editor das *Recordações*, e não seu autor, antecipando em muitas décadas questões acerca da autoria, da performance autoral, das escritas de si que vêm recentemente ocupando as páginas crítico-teóricas.

Osman Lins publica o artigo “Não silenciou sobre seu tempo”, em 13 de maio de 1976, para comemorar os 95 anos de nascimento de Lima Barreto. Desta vez dedica-se às suas crônicas, depois de ter se debruçado em seus romances, na sua tese de doutorado, *Lima Barreto e o espaço romanesco* (1973). O título do artigo traduz um dos qualificativos mais adequados ao escritor afrodescendente, cuja produção “circunstancial”, reunida nos livros *Bagatelas, feiras e mafuás, Vida urbana, Marginalia e Impressões de leitura*, tinha o que dizer aos brasileiros nos anos de 1970, e com certeza, desperta ainda interesse nos dias de hoje.

Este artigo é uma *excelente* iniciação aos escritos e crônicas de combate do autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Osman Lins nos mostra como este homem, “que não silenciou sobre seu tempo”, cultivou a dignidade humana e não se esquivou das obrigações próprias do escritor.

*Andrea Saad Hossne e Sandra Nitrini*